

CENTRO DE CONVENÇÕES DE PERNAMBUCO

Leonardo Tossiaki Oba

Arquiteto (UFPR), Doutor (FAUUSP) - Professor Titular – PUCPR

Rua Dep. Heitor Alencar Furtado, 1819 Curitiba PR 81200-110 f.(41)3373-7570

leonardo.oba@gmail.com

CENTRO DE CONVENÇÕES DE PERNAMBUCO

RESUMO

O Centro de Convenções de Pernambuco localizado entre as cidades do Recife e Olinda é uma obra resultante do Concurso Público Nacional de Arquitetura promovido pelo Governo do Estado em 1977 e que permanece até hoje em suas funções originais. A gênese da obra através de escolha democrática do projeto, o seu caráter de espaço público apropriado intensivamente pela população e mais de três décadas de presença na paisagem apontam para a sua condição de patrimônio cultural moderno relevante.

Embora muito das suas características originais tenham permanecido este patrimônio vem sofrendo acréscimos e adaptações sem anuência dos autores. Ao final das obras os arquitetos não foram mais requisitados para fiscalização e com isso muitos detalhes importantes foram comprometidos.

Este artigo tem um caráter de depoimento sobre o Centro de Convenções de Pernambuco. Na condição de um dos autores relata as circunstâncias e condições em que o projeto foi idealizado e desenvolvido e compartilha as fontes documentais com a academia para pesquisas e aprofundamentos. Pretende-se desenvolver uma análise retrospectiva da evolução do projeto com ganhos, perdas e referências aos valores da produção moderna dos anos 70. As pesquisas se basearam na documentação do concurso, correspondências, depoimentos e notícias dos periódicos da época. Procedeu-se também à análise comparativa dos desenhos das diferentes etapas de desenvolvimento do projeto e as razões das alterações durante todo o processo de projeto e construção. O resgate de todo este processo oferece um ensaio panorâmico que fala da gênese, transformação e permanência de obras. Os anseios sociais dos administradores, arquitetos e construtores passam e as obras permanecem como testemunho, nem sempre legível, de todo investimento social de um determinado período histórico.

Além de constituir-se em registro necessário, esse tema pode abrir novas discussões sobre metodologias e processos de desenvolvimento do projeto, suas peculiaridades e contingências. Pode suscitar reflexões críticas sobre o efeito do tempo sobre as obras em si e também sobre os autores e suas formas de pensar e projetar. No âmbito do DOCOMOMO, poderá se somar à documentação sobre a arquitetura brasileira dos anos 70 e contribuir para definir e aperfeiçoar as diretrizes de preservação e conservação do acervo do Movimento Moderno e as providências de adaptação dos seus espaços às novas realidades.

Palavras-chave: Centro de Convenções de Pernambuco. Centro de Exposições. Teatro Guararapes

ABSTRACT

The Pernambuco Convention Centre, located in between the cities of Recife and Olinda, is an architectural work resulting from the National Architectural Competition sponsored by the State Government in 1977. It still remains in its original functions since its completion. Its genesis through a democratic consultation, its character of public space intensively used by population and its presence in the local landscape for over three decades makes it stand as a modern cultural heritage. Although much of its original features have remained, this heritage has suffered many additions and adaptations without the approval of the authors. At the end of the construction the architects were no longer invited for supervision and therefore many important details have been compromised. This article is a testimony of a member of team of architects about the Pernambuco Convention Centre. It reports the circumstances and conditions under which the project was conceived and developed and shares the documentary sources with academics for researches and insights. It is intended to develop a retrospective analysis of the evolution of the project with gains, losses and references to the values of modern production of 1970s. The surveys were based on the documentation of the competition, correspondences, interviews and news of the periodicals of that time. Comparative analysis was made of the drawings of the various stages of project development and the reasons for the changes throughout the process of design and construction. The rescue of this process offers a panoramic essay telling us of the genesis, transformation and permanence of architecture. Social expectations of administrators, architects and builders pass and the works remain as a witness, not always readable from all social investment of a particular historical period. Apart from being an important record, this theme can open new discussions on methodologies and processes of project development, its peculiarities and contingencies. It may raise critical considerations about the effect of time on the work itself and also on the authors and their ways of thinking and designing. Under the DOCOMOMO, it may be added to the documentation on Brazilian architecture of the '70s and contribute to improve the guidelines of preservation and conservation of the Modern Movement and the future steps to adapt their spaces to the new realities.

Keywords: Pernambuco Convention Centre. Exhibition Centre. Guararapes Theatre.

CENTRO DE CONVENÇÕES DE PERNAMBUCO

INTRODUÇÃO

Este artigo tem um caráter de depoimento, um registro sobre o Centro de Convenções de Pernambuco localizado no Complexo Rodoviário do Salgadoinho entre as cidades do Recife e Olinda. Trata-se de uma obra resultante de um Concurso Público Nacional de Arquitetura promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco em 1977 e que permanece desde a sua inauguração até hoje em suas funções originais.

A sua gênese através de escolha democrática do projeto (concurso de arquitetura), o seu caráter de espaço público apropriado intensivamente pela população e a sua permanência na paisagem local por mais de três décadas avalizam a sua condição de patrimônio cultural moderno relevante.

Abstraindo-se da condição de um dos autores e assumindo a posição de crítico, foi possível entender que uma obra pública, uma vez construída e entregue ao usufruto da população, passa a ser mais dela do que dos arquitetos. E é através das formas de apropriação dos seus espaços pelos usuários é que se constata afinal o acerto e a adequação do esforço intelectual que orientou a sua construção.

Uma vez a obra entregue, décadas afastaram os arquitetos da sua criação. Embora algumas melhorias fossem necessárias no sentido de revalorizar as suas qualidades e propostas originais, houve alterações e adaptações não autorizadas que a desvirtuam e a comprometem seriamente.

Seria oportuno, portanto, resgatar as bases conceituais e as reflexões e intenções que construíram a arquitetura do Centro de Exposições e Convenções do Estado de Pernambuco e que não estão totalmente explícitas no memorial do concurso. Houve muitas mudanças no desenvolvimento do estudo apresentado no concurso até o projeto executivo. Foram revisões, reconsiderações programáticas e muitos dilemas resolvidos que seria importante registrar antes que se dissolvam nas fragilidades das memórias pessoais.

Embora possa se dizer que os desenhos falam por si e que a obra é um livro aberto à leitura de todos, nem sempre há eloquência ou clareza suficiente nessa forma de apreciação estética.

Refletir e rememorar todo o desenvolvimento deste projeto pode abrir frentes interessantes de discussão sobre metodologias e processos de projeto, suas peculiaridades e contingências. O desenvolvimento de um projeto de arquitetura é uma luta permanente para reduzir a distância entre o idealizado e o factível.

Espera-se que este estudo possa contribuir para a apreensão do espírito que orientou toda a concepção do Centro de Convenções. No âmbito do DOCOMOMO, esse registro poderá se somar à documentação sobre o acervo construído moderno dos anos 70 e contribuir para balizar a

preservação, a conservação e as providências futuras de adaptação dos seus espaços às novas realidades.

As análises tomam por base os três momentos de consolidações de projeto:

-o anteprojeto apresentado no concurso e as suas bases conceituais

-o projeto executivo que resultou na construção

-a construção e as formas de apropriação dos espaços para os diversos usos

ANTECEDENTES

O Centro de Convenções e o Terminal Rodoferroviário foram as duas obras marcantes da gestão Moura Cavalcanti (1975-1979) que se destinavam a prover a infraestrutura necessária para o desenvolvimento do setor terciário. Segundo engenheiro Erasmo José de Almeida, então Secretário de Saneamento, Habitação e Obras, a escolha do local, Complexo Rodoviário do Salgadinho, era estratégica para a consolidação do eixo Recife-Olinda como polo de serviços e atividades terciárias e que uma vez concluída,

*“Pernambuco passará a ocupar um lugar de relevo no campo do desenvolvimento das atividades turísticas no contexto nacional e, até mesmo, internacional, tal será a força de sua estrutura como indutora do progresso econômico do nosso Estado”*¹

Para o Secretário da Indústria e do Comércio, José Henrique Wanderley Filho, Recife como centro metropolitano, agregador de atividades socioculturais e econômicas, e o crescente potencial turístico de Olinda tornou o empreendimento inadiável.

*“No Centro deverão acontecer diversos eventos de interesse para o Estado e para o Nordeste e que, anteriormente, eram realizados em instalações precárias ou de pequena capacidade, sem contar com a infraestrutura e o conforto adequados.”*²

Na visão de Francisco Bandeira de Mello, presidente da Empresa Pernambucana de Turismo, o Centro deverá trazer congressos, seminários e conclaves de nível internacional e Recife será novamente *“a porta aberta à Europa e aos Estados Unidos, na costa oriental da América Latina”*. E ressaltou que o “turismo dirigido” representava já na época uma parcela fundamental nos fluxos turísticos mundiais e que os congressos e convenções eram o principal elemento motivador deste tipo de turismo. Com a construção do Centro, o governo evitaria que Pernambuco *“ficasse a reboque sem condições de concorrência no mercado, nesse setor de turismo dirigido”*.³

O CONCURSO

O Concurso Público de Anteprojeto para o Centro de Exposições e Convenções do Estado de Pernambuco foi iniciativa da gestão de José Francisco de Moura Cavalcanti⁴, governador de Pernambuco ainda sob o regime ditatorial sendo presidente o general Ernesto Geisel.

O Edital de Concurso Público nº 01/76 define como promotora o Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos – DOFSP, subordinado à SSHO- Secretaria do Saneamento, Habitação e Obras do Estado de Pernambuco. O Arquiteto Consultor foi Gildo Azevedo Montenegro que mais tarde integrou a equipe de acompanhamento da Empresa de Obras Públicas de Pernambuco (EMOPE). As inscrições foram abertas entre 1º a 15 de dezembro de 1976⁵ e as “*Condições Preliminares*” do Edital previam:

3.1.1. – Dignidade, originalidade, funcionalidade e economicidade

3.1.2.- Equacionamento geral do problema com definição do partido adotado.

3.1.3.- Definição dos acessos e circulações, tendo em vista a fácil locomoção interna e do público, no conjunto.

3.1.4. – Possibilidade de construção sequenciada, de modo a permitir que a obra “possa ser iniciada, a partir do 5º (...) mês após a assinatura do contrato de elaboração do projeto.”⁶

O programa do concurso era bastante sintético e previa basicamente: um auditório principal para 2500 lugares, três auditórios menores para 400, 200 e 150 lugares mais cinco salas de reunião para 100 pessoas cada no setor de convenções. O pavilhão de exposições deveria ter uma área de 12.000,00 m².

Os editais daquela época, tradicionalmente, procuravam garantir o anonimato dos autores e também a padronização de recursos gráficos para que a avaliação dos jurados não fosse influenciada por excessos imagéticos e gráficos que se verifica nos atuais concursos. Além das exigências de praxe para garantir o anonimato e a uniformização da apresentação havia ainda um item que proibia: “(...) o uso de sombra nos desenhos ou outro qualquer tipo de apresentação diversa da prescrita (...)”.⁷

O prazo limite de entrega foi às 12h00 do dia 14 de fevereiro de 1977.⁸

O corpo de jurados foi composto por: Niepce Carlos da Silveira (presidente), Lúcia Pereira do Nascimento Silva, Lafayette de Araújo Sá Cavalcanti de Albuquerque, Moisés Agamenon Sampaio Andrade e Pedro Cabral da Silva.

O ato público de encerramento do concurso aconteceu no dia 11 de março de 1977, sexta-feira, quando foram abertas as sobrecartas de identificação dos vencedores. Dada à distância e os

recursos limitados de comunicação da época, a equipe vencedora ficou sabendo do resultado apenas no dia seguinte. O telegrama do dia 14 de março de 1977 diz:

“INFORMAMOS SUA EQUIPE VENCEU CONCURSO PUBLICO ANTEPROJETO CENTRO CONVENCOES E EXPOSICOES ESTADO PERNAMBUCO AGUARDAMOS VOSSA PRESENCA RECIFE RECEBIMENTO PREMIO E ASSINATURA CONTRATO PROJETO CONGRATULACOES ROBERTO DA FONTE”

O contrato foi assinado em 25 de maio de 1977.⁹ Segundo o Diário da Manhã, esse contrato asseguraria que a obra, “(...) *uma das mais importantes projetadas pelo Governo Moura Cavalcanti poderá ter suas fundações iniciadas dentro de mais quatro meses.*” Informa ainda que o concurso teve a participação de equipes de sete Estados. As equipes premiadas foram:

1º lugar: Guilherme Zamoner Neto, Joel Ramalho Jr. e Leonardo Tossiaki Oba (Paraná)¹⁰

2º lugar: Roberto Luiz Gandolfi, José Marcos Loureiro Prado e Sérgio N. Scheinkman (Paraná)

3º lugar: Hector Ernesto Viglicca e Ricardo Chahin (CNEC-Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores São Paulo)¹¹

4º lugar: Zamir Sena Caldas, Hélvio Polito Lopes, Zenildo Sena Caldas, Zildo Sena Caldas, Maria de Fátima Leão Oliveira, Maria Ludovida Amblard, Elias José Ramos Gomes, Dirceu Ferraz e Luiz Gonzaga de Oliveira Filho. (Pernambuco).¹²



Fig. 1 – Assinatura do Contrato 25 de maio 1977

Da esquerda para direita: Arq. Leonardo Oba, Secretário de Obras Erasmo José de Almeida, Secretario de Planejamento Luiz Otávio e os Diretores da EMOPE Roberto J. Dantas da Fonte e Marcelo Pinheiro Pinto.

(Foto: Jornal do Commercio¹³ - Recife, 26 de maio de 1977. Pag.1) .

O CONTEXTO:



Fig. 2 – Vista aérea do terreno na direção norte (1977):
Av. Agamenon Magalhães e a Fábrica Tacaruna. (material do concurso)



Fig. 3 – Vista aérea do terreno na direção sul (1977). Ao fundo Recife
(material do concurso)

O terreno para o Centro de Convenções se insere numa grande área intermediária entre Recife e Olinda denominada Salgadinho com aproximadamente 21 hectares. Pela face sudeste passa a Avenida Governador Agamenon Magalhães, do complexo rodoviário que liga Recife a Olinda e Paulista. Do outro lado da rodovia na direção do mar, existe uma área livre de cerca de 30 hectares pertencente ao Ministério da Marinha e que seria no futuro uma grande área de lazer conforme plano elaborado pela FIDEM¹⁴. Na face norte o terreno faz frente para a Rua Professor Andrade Bezerra, com ocupação de baixa densidade, predominante residencial. Nesta grande área plana e desocupada o elemento que se destaca é a *Fábrica Tacaruna*, imponente conjunto arquitetônico a preservar como um patrimônio cultural de Pernambuco.¹⁵

Portanto os elementos iniciais a considerar para começar a pensar o projeto eram:

A extensão do terreno predominantemente plana, o fluxo livre da ventilação natural vinda do mar, um patrimônio importante a preservar, a presença de dois acessos predominantes, um de grande porte (o complexo rodoviário) e outro com escala de tráfego local e pequenas construções adjacentes (Av. Prof. Andrade Bezerra). Havia ainda duas características ambientais inspiradoras: os morros de Olinda a nordeste e o mar na direção sudeste.

O PROCESSO:

Não seria possível reconstituir em detalhes os meandros do processo de construção do projeto, mas algumas associações podem ser feitas:

Na Implantação, a opção pelo alinhamento do bloco à Av. Prof. Andrade Bezerra proporcionou uma melhor integração de escala do Centro de Convenções com a área mais habitada criando uma relação mais urbana. Ao mesmo tempo a nova construção assumiu a postura de “formar fundo” para a *Fábrica Tacaruna* entendendo que ela deveria ser o elemento de destaque. Com maior recuo em relação às vias expressas, abriu-se um espaço maior para o verde e para o pedestre. Além disso, com o recuo, foi possível o acesso público com inclinação mais suave e natural até atingir o térreo estabelecido na cota +8.00.

A definição deste térreo em nível mais alto era desejável, pois criaria uma grande Praça coberta que centralizaria todos os acessos a partir da qual seriam distribuídos os fluxos para as convenções e para as exposições. No entender da equipe, o acesso ao auditório maior pela parte mais alta, por trás da plateia era o mais adequado. Ao mesmo tempo o acesso às exposições pelo mezanino também era preferível, pois proporcionaria ao visitante uma visão geral do espaço de exposição “por cima” antes de descer ao nível dos estandes de exposição. Antes mesmo do projeto se configurar havia um pensamento de que a circulação interna do conjunto deveria reproduzir o colorido, a diversidade e a dinâmica única das feiras e mercados das ruas de Recife e Olinda. A obra deveria incorporar e expressar os valores e atmosferas locais. E essa foi a

inspiração para o mezanino da exposição: uma verdadeira rua suspensa com lojas de tamanhos variados de ambos os lados e uma diversidade feérica de produtos, pessoas e cores a céu aberto.

A curva da cobertura das convenções surgiu das inúmeras especulações formais para abrigar o Auditório maior com plateia e balcão totalizando 2500 lugares. Pode-se dizer que ela surgiu em dois traços gestuais. O primeiro completando e dando o acabamento ao monobloco. E o segundo bipartindo-a em duas elevações defasadas para abrigar na curva menor o restaurante e as salas de reuniões. Essa defasagem diluiu o volume e compôs como que uma reinterpretação simbólica da paisagem natural com dois morros entrelaçados no horizonte.

Mesmo que a postura da equipe fosse uma busca constante de inovação, pode-se inferir hoje, numa perspectiva histórica, que há alguma continuidade nas formas e pensamentos desenvolvidos e sedimentados em projetos anteriores. A equipe participara recentemente do concurso para o centro de convenções da Bahia. O partido previa um pavilhão de exposições em ponte metálica com uma praça na cobertura que ligava as dunas existentes com o bloco das convenções doutro lado do vale. Aqui também o bloco de convenções encabeçava o conjunto e apoiava a estrutura metálica do pavilhão de exposições que cruzava o vale existente e se ancorava em contrafortes de concreto nas encostas do outro lado. Pode-se também perceber, ressaltadas a escala e proporções, alguma conexão entre as placas sinuosas em concreto da Praça e Monumento ao Migrante na cidade de Cascavel PR, concurso vencido pela equipe em 1976¹⁶, e as curvas da cobertura do setor das Convenções e as que existiam ao longo da rua central no anteprojeto.

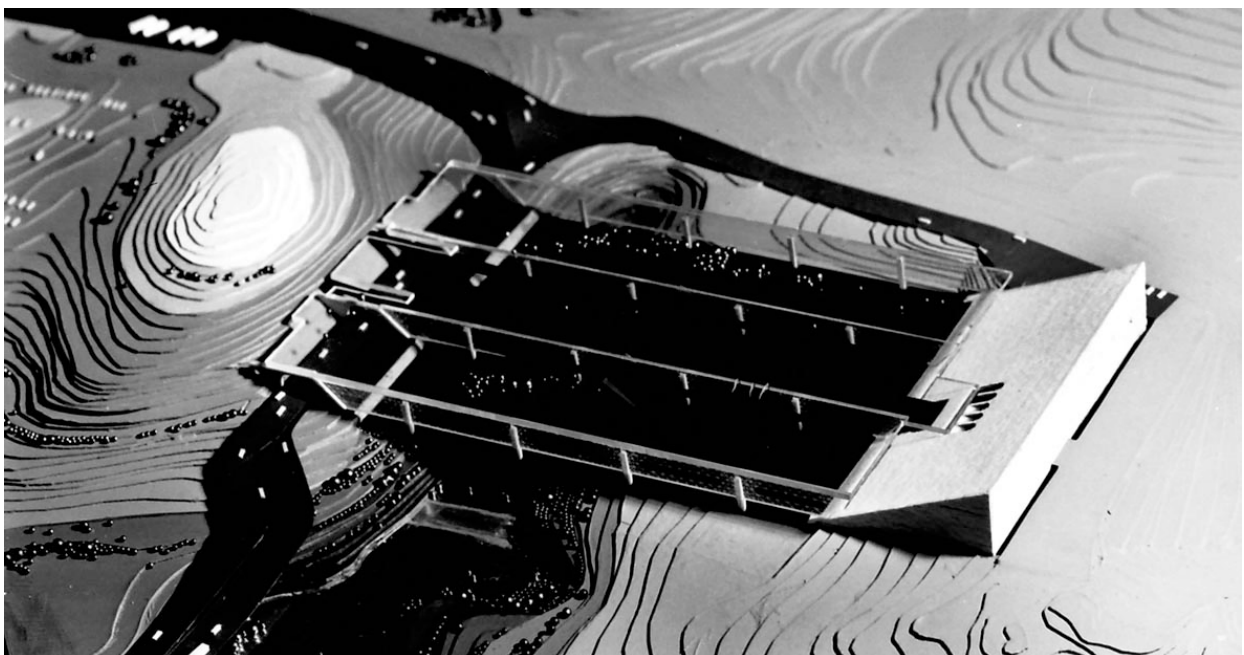


Fig. 4 – Projeto para Centro de Convenções da Bahia – 1975

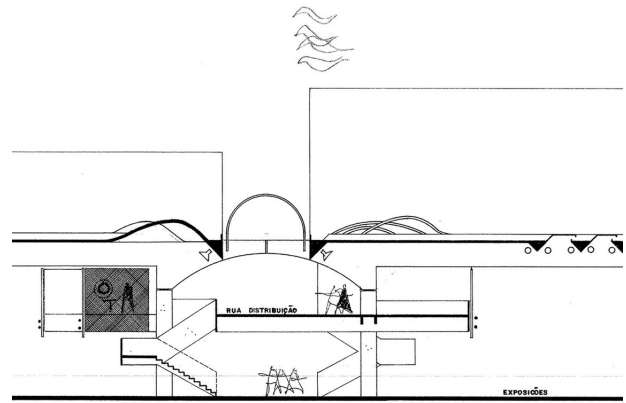


Fig. 5 – (à esq.) Praça e Monumento ao Migrante Cascavel PR – projeto de 1976
(à direita) Detalhe do corte do Pavilhão de Exposições.

O projeto nasceu sem formas ou fórmulas pré-concebidas, apenas o terreno em branco. As definições foram se configurando a partir de decisões estratégicas, funcionais e visões de como o lugar e os seus espaços internos poderiam ser. Numa visão retrospectiva pode-se dizer que o projeto se delineou a partir de um monobloco racional, mas que essa rigidez se moldou em formas, modulações e sistemas que melhor respondessem às necessidades e características de cada espaço. Por isso a proposta não é um monobloco clássico, com simetrias e modulação estrutural uniforme. É uma arquitetura que nasce no setor das convenções, ancorada pesadamente no solo, se estende em abóboda na direção das exposições, com a sua massa descolando da terra, se dissolvendo em leveza e deixando ao final, como que “em reticência”, a sua lógica de expansão dos módulos da exposição.

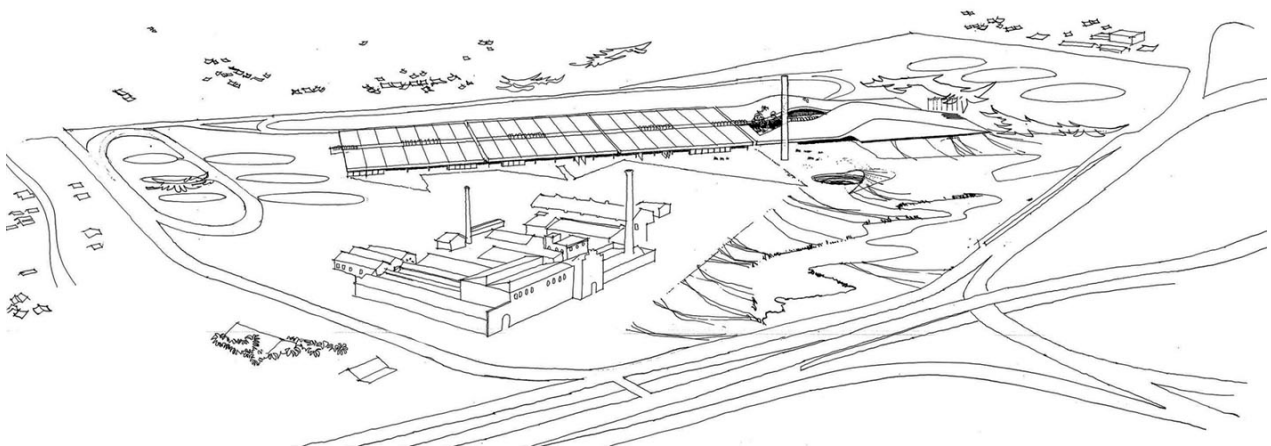


Fig. 6 – Vista aérea: a Fábrica Tacaruna e o Centro de Convenções
(prancha 14 - perspectiva –Guilherme Zamoner Neto)

Essa tipologia proposta pela equipe pode ainda ser observada no projeto posterior para o Centro Internacional de Convenções de Foz de Iguaçu (1980)¹⁷ com variações quanto à setorização e programa. Neste caso, com base na experiência da obra de Recife, a caixa cênica com toda sua complexa infraestrutura foi proposta como um elemento *high-tech* que poderia ser “plugado” posteriormente ao conjunto transformando o grande auditório em Teatro.

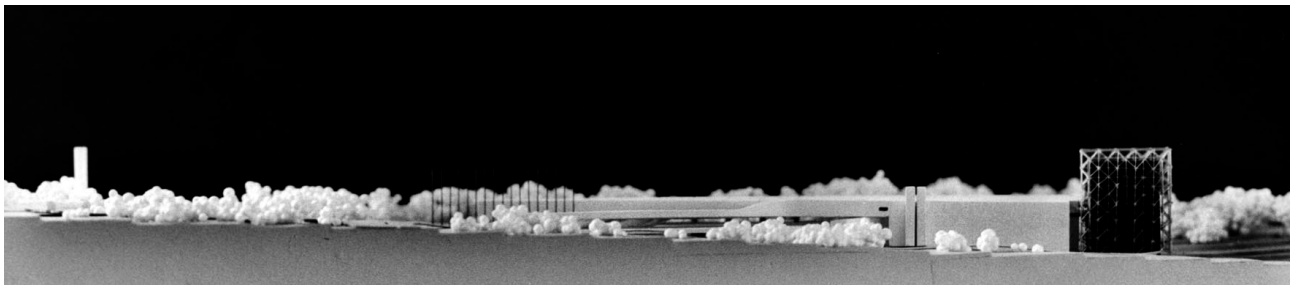


Fig. 7 –Centro Internacional de Convenções de Foz de Iguaçu (1980)

O memorial apresentado para o concurso do Centro de Convenções de Recife destaca em itens concisos essas e outras diretrizes definidoras do projeto:

“-o sítio histórico deve ser preservado e valorizado

-O paisagismo como elemento de integração organiza os espaços externos e convida o homem que passa. Os muros (da fábrica) são substituídos por cerca transparente para permitir mais convivência.

-O grande espaço coberto não deve ser ofuscante.

-A elevação da praça fronteira até a cota 8,00 m suaviza as proporções da grande massa.

-O espaço se organiza numa única cobertura de construção sequenciada.

Apesar da tranquilidade externa o espaço frutífero possui grande variedade ambiental interna proporcionada pelas alterações de pé-direito e pelos volumes.

-o concreto como estrutura -o vidro e a madeira como vedação -o verde como constante.

-no setor de exposições o visitante é introduzido pela cota 8,00m ao nível do mezanino, possui de imediato uma visão global e circula por um elemento distribuidor flexível que se auto organiza em função de seu programa, sem depender de um valor de área por módulo.

-no setor de congressos a variedade de atividades é sentida pela maior movimentação da estrutura, que sai do ritmo constante e se adapta às necessidades do programa.

-o acesso de veículos foi previsto pela via posterior no intuito de garantir a integração paisagística com o Complexo Salgadinho. -os estacionamentos serão organizados como bosques nos locais indicados.

(...) -a estrutura adotada foi concreto armado em vãos compatíveis com as necessidades
(...) -na cobertura do auditório foram previstas vigas principais protendidas apoiadas sobre as paredes laterais, solução mais econômica indicada pelos cálculos preliminares.(...)"

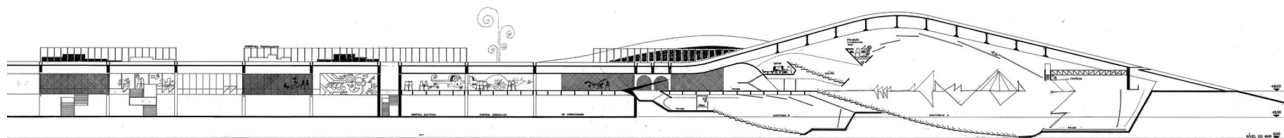


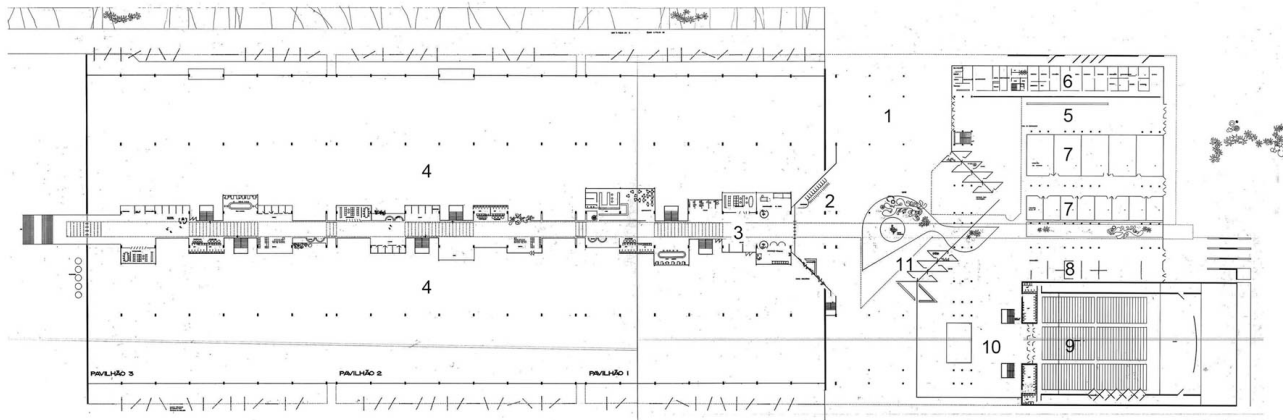
Fig. 8 – Corte longitudinal parcial (prancha 9 do concurso)

Na Ata de julgamento de 11 de março de 1977 ¹⁸ o júri assim se manifestou sobre o projeto vencedor:

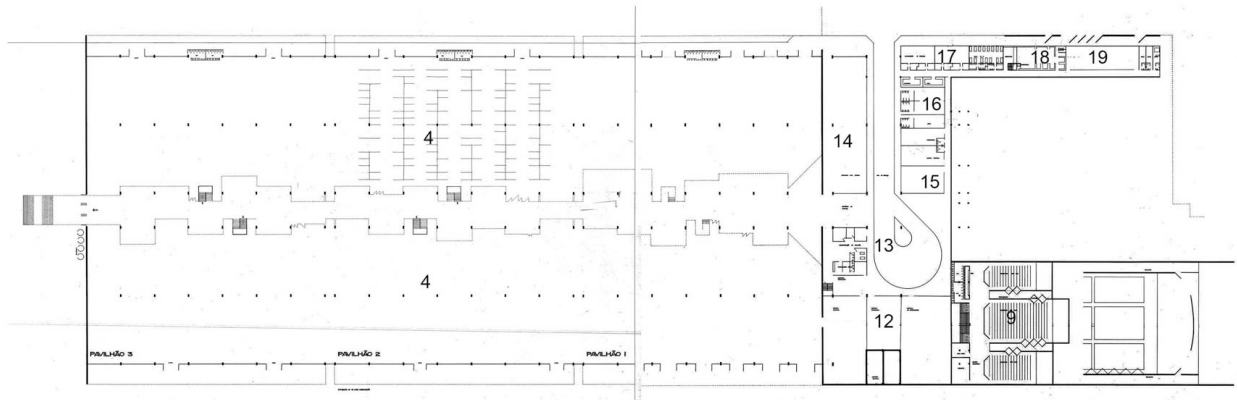
“O Júri, indicou para o 1º prêmio, efetivamente, o melhor entre os demais. (...) O partido adotado, fruto de uma preocupação com valores como o zoneamento das áreas, vias de acesso, adoção de uma estrutura coerente com a simplicidade de suas linhas, posição voltada para os melhores ângulos de perspectiva, evita conflitos com elementos que estão em torno. Por outra parte, contribui de maneira decisiva para a obtenção de uma volumetria, invólucro do espaço interno e alcança uma plasticidade de correta integração com o complexo rodoviário, com seus viadutos e com a Fábrica da Tacaruna, (...).

A boa arquitetura está assegurada, na criação dos espaços com suas dimensões generosas, suas qualidades e adequações às funções requeridas. A valorização de tudo está enfatizada por uma estrutura exuberante, que permite a elasticidade em seu uso. A edificação se desenvolve, mantendo uma horizontalidade bem definida no setor destinado às Exposições. Essa predominância horizontal é quebrada por uma sutil sinuosidade, marcada na área definida para as Convenções, quando atinge o clímax da composição, dando assim, ênfase a parte mais importante e significativa do conjunto.

A cota de acesso foi fixada a 8.00 m acima do nível do mar, alcançando proporções acentuadas. Tais proporções visam estabelecer um equilíbrio de massa com a volumetria da fábrica, permitindo resolver o problema da drenagem. A circulação central que poderia tornar-se monótona, ao contrário, faz-se o ponto alto, quando une os espaços internos e externos, visualmente, através de cúpulas transparentes que, difundem uma luminosidade feérica, própria das feiras. Um outro ponto de integração é a caixa d’água, em forma cilíndrica e esbelta, à feição do chaminé da Tacaruna. Dentro da simplicidade de suas linhas, nota-se claramente a possibilidade de execução por etapas. Ainda nesse ponto, muito bem estudado, tanto pela sua versatilidade como pela harmonia e equilíbrio que apresenta, já na conclusão da 1ª. Etapa. “



PLANTA NÍVEL +8,00



- | | | |
|--------------------|--------------|-------------------------|
| 1 PRAÇA COBERTA | 7 REUNIÕES | 13 ADMINISTRAÇÃO EXPO |
| 2 BILHETERIAS | 8 EXPOSIÇÕES | 14 DEPOSITOS |
| 3 MEZANINO | 9 AUDITORIO | 15 OFICINAS |
| 4 EXPOSIÇÕES | 10 FOYER | 16 VESTIÁRIOS |
| 5 RECEPÇÃO EVENTOS | 11 LOJAS | 17 ALOJAMENTOS |
| 6 ADMINISTRAÇÃO | 12 CENTRAIS | 18 COZINHA / REFEITORIO |
| | | 19 GRAFICA |

Fig. 9 – Plantas (pranchas 3, 4, 5, e 6 do concurso)

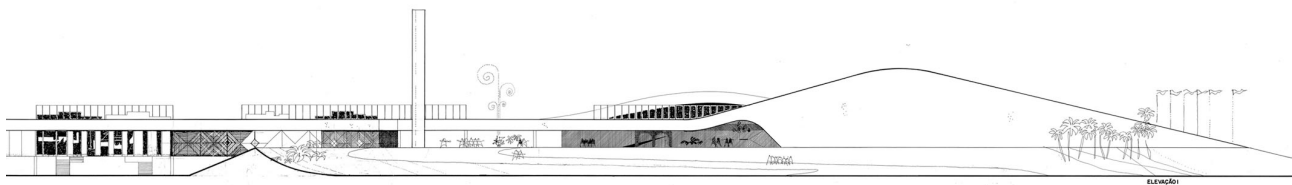


Fig. 10 – Elevação sul (prancha 12 do concurso)

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO:

No processo de desenvolvimento de projeto em uma obra desta envergadura e complexidade as alterações são inevitáveis. Compatibilizar os detalhamentos e revisões de programa, dar conta das restrições e demandas dos projetos complementares, das exigências legais e de segurança e outras contingências determinam reestudos, redimensionamentos e adaptações sejam elas de materiais, sistemas construtivos, acabamentos ou equipamentos. A luta dos arquitetos foi exaustiva e sempre no sentido de preservar os valores e qualidades que fundamentaram a proposta inicial. Neste caso específico havia ainda outra condição a enfrentar. A urgência do cronograma governamental pressionava para que as obras fossem iniciadas antes mesmo que os projetos estivessem concluídos. Com isso os esforços se encaminhavam em duas frentes: enquanto se detalhava o pavilhão de exposições para abrir frente de trabalho para o movimento de terras e fundações, em paralelo, eram desenvolvidos os estudos e detalhamentos do projeto do setor de convenções. Uma das primeiras decisões de projeto foi a opção pela estrutura metálica em alumínio para o pavilhão de exposições. O consenso na equipe era de que o metálico era mais adequado para esse tipo de espaço. Além da rapidez de execução, seria possível eliminar os pilares intermediários vencendo vãos livres de cerca de 50 metros permitindo maior flexibilidade para montagem de stands. Os pilares externos ganharam formas inclinadas para valorizar os balanços que permitiram melhor proteção do sol e das chuvas e ventilação natural através das vedações vazadas que não chegam até o teto. No anteprojeto havia previsão de grandes painéis de *muxarabis* em madeira pendurados nas abas laterais do pavilhão de exposições. Porém com a opção pela estrutura metálica na cobertura e outras mudanças concluiu-se que os painéis não seriam mais necessários para fins de proteção solar. Houve sugestão de criar elementos alternativos em réguas moduladas de alumínio, mas foram descartados.

Na cobertura da circulação central, foi proposto um andar técnico com espaços reservados para equipamentos, ventilação mecânica e outras necessidades futuras. A abóboda perdeu a descontinuidade e a racionalidade técnica e construtiva venceu a poética das lajes em movimento. Pode-se verificar também que os taludes previstos para dar privacidade ao pavilhão e ao mesmo tempo reduzirem a altura visual do pavilhão foram substituídos por áreas de exposição externa, alternativas paisagísticas¹⁹ e estacionamentos.

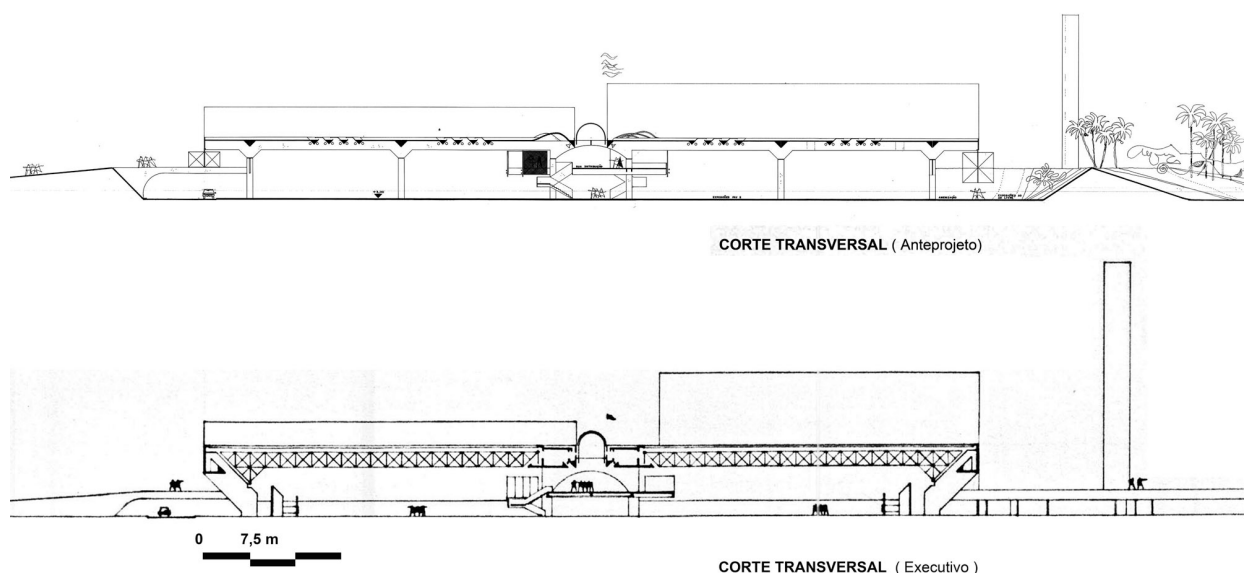


Fig. 11 – Cortes comparativos: a estrutura em concreto do concurso foi substituída pela estrutura de vigas treliçadas duplas em alumínio com 2,5 m de altura.

Certamente a mudança mais significativa do programa foi proposta pela equipe de arquitetos. Tendo em vista a capacidade do auditório maior (2500 lugares) a equipe sugeriu que este espaço não fosse apenas auditório, mas sim um **Grande Teatro** com todos os recursos acústicos, cenotécnicos, de iluminação e de bastidores. Essa providência com certeza colocaria Recife no circuito dos grandes espetáculos nacionais e principalmente internacionais.²⁰ E isso se comprovou de fato como mostra alguns depoimentos em jornais após a entrega da obra.

O depoimento do regente Cussy de Almeida em 1982 para um jornal local diz:

*“Sedento dos grandes espetáculos musicais, o Recife teve, quarta-feira passada, a oportunidade de reconciliar-se com a arte maior. E o fez com grande dignidade a começar pela sala de visitas que acolheu a Orquestra de Câmara de Moscou. O Teatro Guararapes do Centro de Convenções. Ainda desconhecido do grande público – encontra-se em fase de conclusão – está fantástica sala de espetáculos dividiu com aqueles músicos, o encantamento de uma noite infelizmente pouco comum ao recifense. Temos agora o maior e o melhor teatro do Brasil. Acústica perfeita, quase dois mil e quinhentos lugares e, talvez, o único palco brasileiro capaz de abrigar todos os músicos de uma verdadeira orquestra sinfônica”.*²¹

Na coluna “Dia a Dia” do Jornal do Commercio de Recife há uma referência a apresentação da Orquestra de Câmara de Moscou:

“Quando a Orquestra de Câmara de Moscou voltou mais uma vez ao palco do recém-inaugurado Teatro Guararapes, no Centro de Convenções de Pernambuco, para agradecer aos prolongados e merecidos aplausos das 3 mil pessoas presentes que acabavam de ser brindadas pelo irrepreensível espetáculo um maravilhado espectador não se conteve e comentou em voz alta: -Não sei se aplauda mais a Orquestra ou o Teatro.

Sintético, o espectador falava pela grande maioria dos presentes que, entre espantada e maravilhada, acabava de tomar conhecimento dos dois grandes espetáculos: a Orquestra que veio de longe e o magnífico teatro maior (...) do Centro de Convenções (...)”²²



Fig. 12 – Teatro Guararapes

A ESTRUTURA ORGÂNICA.

A opção por uma arquitetura monobloco traz dois grandes desafios iniciais: O primeiro foi o de escala resultante do extenso programa necessidades. O terreno amplo permitiu grandes recuos das divisas e definir um térreo elevado com acesso através de rampas suaves facilmente integradas à paisagem local. Isso proporcionou uma altura menor para quem chega à praça coberta de distribuição do conjunto sem abrir mão do pé-direito necessário para as áreas de exposição.

O segundo desafio foi o de compatibilização da estrutura e os espaços que ela deve cobrir. Como dar unidade estrutural a um conjunto desta envergadura e com atividades tão diversas que demandam dimensionamentos tão diferentes? Entendendo que a modularidade rígida não daria conta de organizar e dar unidade neste caso, buscou-se um sistema mais flexível e adaptável.

A solução proposta se baseou numa concepção mais orgânica inspirada na natureza, mais propriamente nas estruturas ósseas do mundo animal. Propor estruturas e vãos diferentes de acordo com a necessidade de cada espaço. Assim as estruturas de concreto partem enraizadas se elevam o necessário para cobrir o setor das Convenções, descem para dar escala aos acessos públicos e seguem suavemente na horizontal para abrigar as exposições. Nessa sequência a própria solidez da cobertura de concreto armado vai se diluindo e tornando-se mais leve ao se

estender às áreas de exposições. Dentro desta concepção a estrutura metálica neste setor, já no início do desenvolvimento do projeto, foi um desdobramento natural.

Estruturando essa transformação linear, a circulação central em pórticos faz o papel da coluna dorsal que costura e dá unidade ao conjunto. A circulação central e as abas laterais em concreto resguardam o aspecto unitário do conjunto, recebem a carga das treliças metálicas e a encapsulam. No final do pavilhão ficam em balanço, feito “arranques”, indicando a lógica de expansão para o futuro. É uma expressão estética do “crescimento”, o inverso da desconstrução.²³

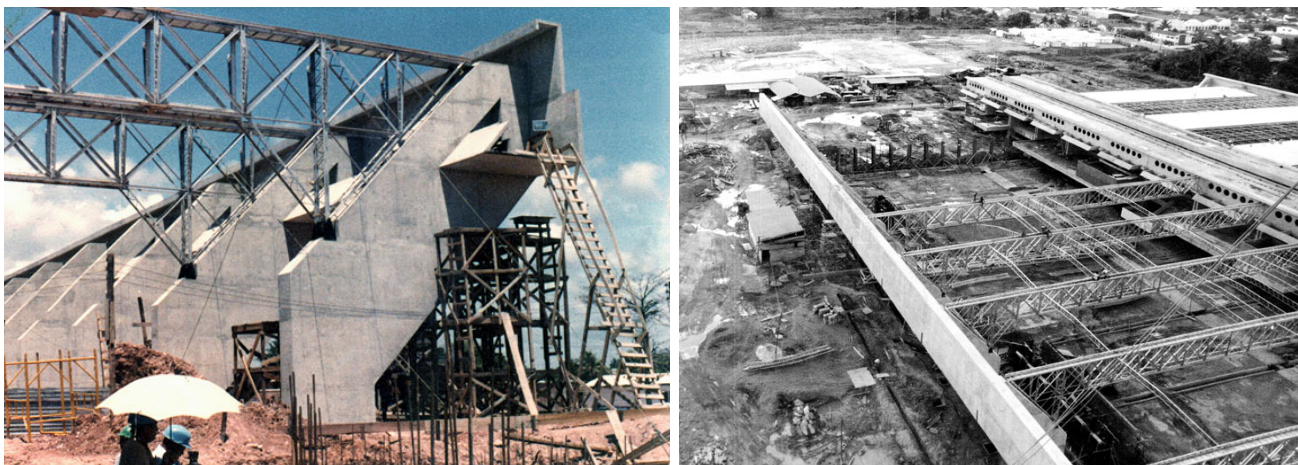


Fig. 13 e 14 – Pavilhão de exposições em obras - outubro de 1978. (fotos: do acervo do autor)



Fig. 15 – Pavilhão de exposições logo após a inauguração.

(material de divulgação da época do Centro de Convenções de Pernambuco)

No extremo oposto, onde essa “espinha dorsal” nasce, há um descolamento entre os volumes do Teatro e das Reuniões marcando o acesso alternativo das convenções. A sinuosidade do espelho d’água e a vegetação convidam e acompanham o visitante nessa transição exterior-interior. A abóboda de vidro começa aqui, solta da arcada de concreto. Um arco incompleto ensaia uma estética silenciosa de germinação.



Fig. 16 – Acesso Convenções (em manutenção) – foto: Claudionor Beatrice 2006



Fig. 17 – Acesso Convenções vista interna – foto: Reginaldo Reinert 2005

Com essa proposta em mente pode-se imaginar o esforço da equipe perseguindo a unidade espacial, estrutural e formal do conjunto. Numa época em que os recursos da informática ainda não existiam era preciso visualizar, geometrizar e representar tecnicamente toda a complexidade de concordâncias e intersecções de curvas e retas das inúmeras situações dentro do projeto.

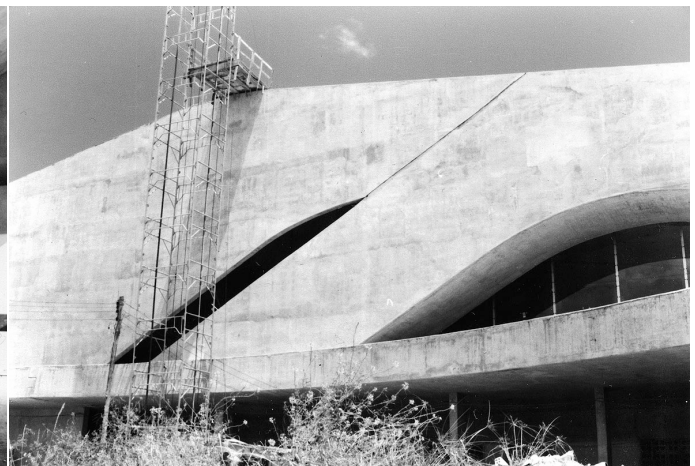


Fig. 18 e 19 – Setor de convenções em obras - 1982. (Fotos: do acervo do autor)



Fig. 20 e 21 - O centro de convenções em uso – 2006 (fotos: Claudionor Beatrice)

Vale lembrar que a primeira ideia a orientar o projeto talvez tenha sido a caracterização do eixo de circulação. A visão das ruas, feiras e mercados nordestinos com a riqueza de textura e cores de suas produtos, artesanatos, frutas e apinhados de pessoas era o que se queria reproduzir. E ela esteve muito presente nas especulações de como poderia ser o projeto. Esse imaginário, mais visível no anteprojeto do concurso, se perdeu um pouco no seu desenvolvimento. A estrutura da cobertura era mais leve. Lajes junto à rua central formavam ondas sinuosas em balanço e as abóbodas não eram contínuas. Havia também ripados de madeira pendentes suavizando a incidência solar.



Fig. 22 – Perspectiva mezanino Exposições (prancha 16 – perspectiva interna – L.Oba)

O projeto da abóboda em vidro foi um desafio inédito para a época. O detalhe foi desenvolvido pelos arquitetos utilizando tubos duplos calandrados em alumínio formando arcos de cerca de 5m de diâmetro para fixação de vidros laminados curvos (sem facetas). Essa cobertura, segundo engenheiros da Construtora Norberto Odebrecht, absorveu cerca de “(...) 2.100 m² de vidro curvo laminex com 8 mm de espessura, a primeira do gênero no Brasil”.²⁴



Figura 23 e 24 – A arcada em dois momentos: 1988 e 2006 (à direita)

Foto 1988: Hugo Segawa. Revista Projeto nº 114 (1988): A-2 / Foto 2006: Claudionor Bearice



Figura 25 – foto: Claudionor Beatrice 2006.

No setor de convenções as alterações foram mais significativas no setor das reuniões, restaurantes e serviços como pode ser observado nas plantas. Houve melhor aproveitamento do nível inferior com aperfeiçoamento do programa de necessidades.

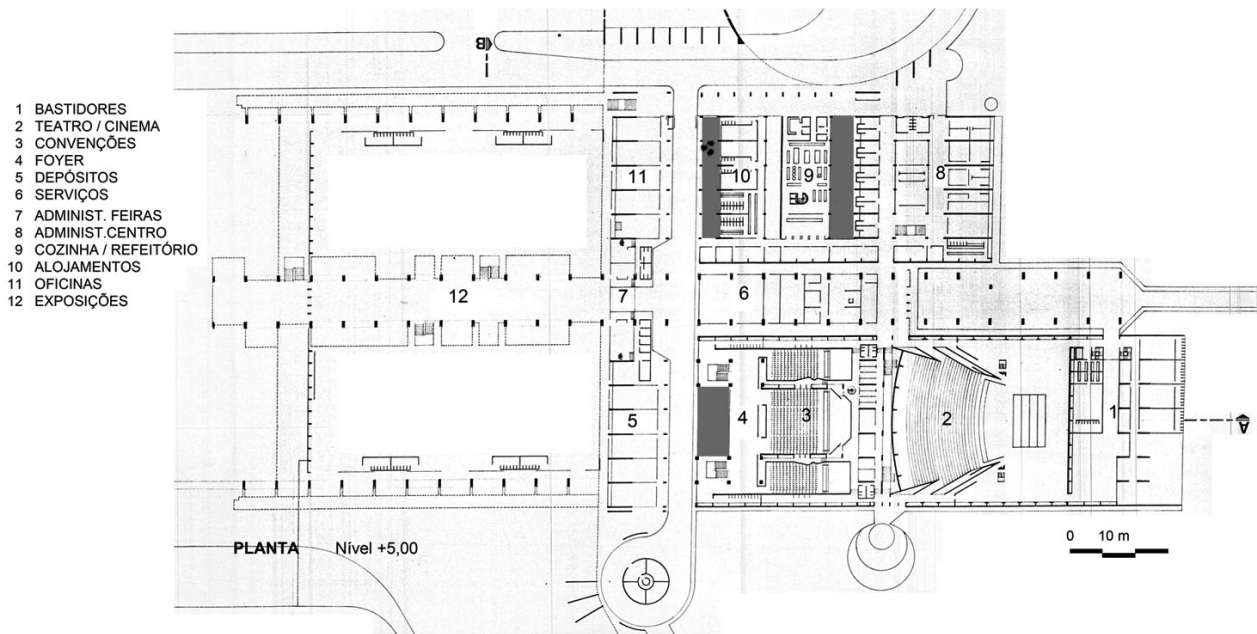
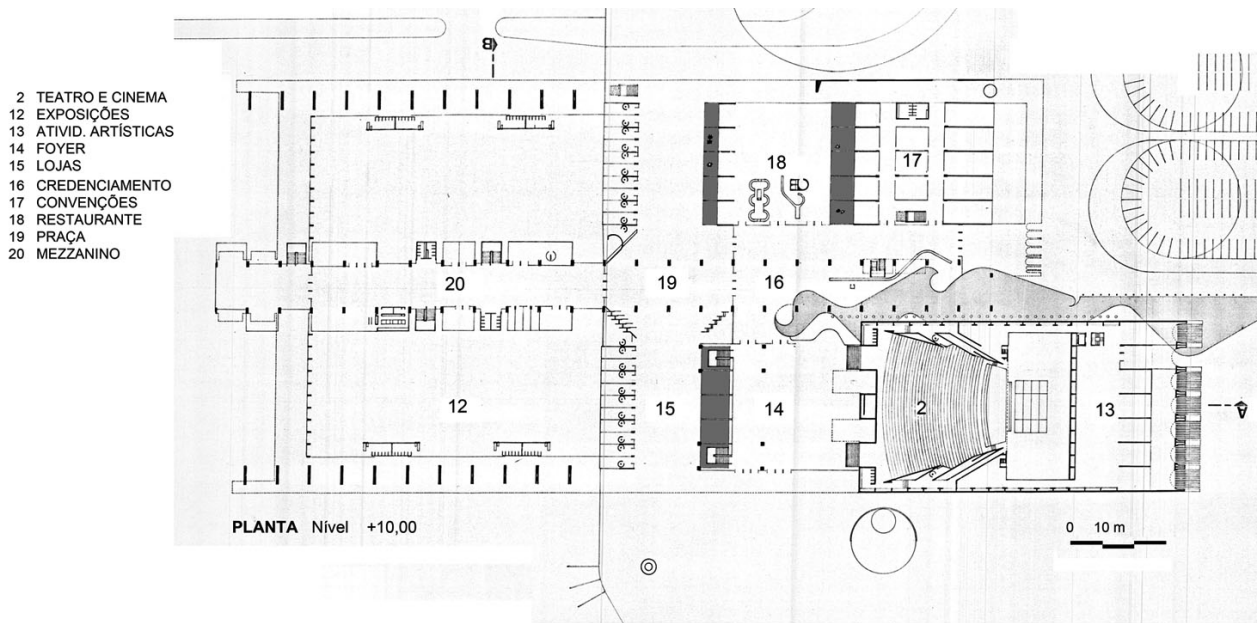


Fig. 25 – Plantas ilustrativas do projeto final (com apenas 1 módulo do pavilhão de exposições)



Fig. 26 – Maquete do Centro de Convenções (foto: Emope)

O Pavilhão de Exposições entrou em atividades com um auditório improvisado dentro do seu espaço enquanto a obra avançava no setor de convenções. O *Jornal do Commercio* anuncia na sua edição de 9 de março de 1979, data da inauguração, que “*Pavilhão de Exposição já iniciou festa*” mas que “*(...) o bom desempenho do Centro como um todo somente será testado em outubro, durante o Congresso Anual dos Agentes de Viagem*”.²⁵ O governador Moura Cavalcanti em discurso, justifica que “*(...) não queria que essa parte ficasse ociosa durante seis meses*” até o final das obras.²⁶ Mas mesmo antes disso já havia repercussões positivas de aprovação do Centro. Uma reportagem do Diário de Pernambuco de 1982 trazia como título “*Centro de Convenções de Pernambuco eleito outra vez o melhor do Brasil*”. Tratava-se da terceira eleição consecutiva de melhor centro de convenções pela Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores de Turismo (Abramjet)²⁷. Na correspondência março de 1983, o arquiteto Gildo Montenegro, informa que tinham “*cerca de 85% da construção concluída e tendo uns 20% da urbanização implantada. (...) Estamos na expectativa de conhecer os planos do novo governo com relação ao Centro, à EMOPER e ao Estado em geral*”.²⁸

Ao final da obra os arquitetos não foram mais requisitados para fiscalização e com isso muitos detalhes ficaram prejudicados. Não foram consultados, por exemplo, quanto à comunicação visual com isso, letreiros desproporcionais e inadequados até hoje permanecem nas empenas de concreto do Centro de Convenções. A área de exposições foi aumentada de forma ponderável e sem uma adequada interpretação da lógica tectônica principalmente na sua face oeste. Nesta face o conjunto lamentavelmente perdeu as suas características originais que podem ser observadas nas Figuras 15 e 27. Fica evidente que quem tomou a iniciativa não soube como termina-la. No entorno imediato observa-se hoje uma nova construção ao lado da Fábrica Tacaruna o que altera a relação figura e fundo, entre o Patrimônio tombado e o Centro de Convenções. O paisagismo mereceria uma reavaliação considerando a nova realidade e uma melhor sintonia com a arquitetura inclusive oferecendo alternativas para os gradis metálicos que hoje cercam o conjunto.



Fig. 27 – Centro de Convenções (cartão postal)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Cussy de. “O som iluminado da Orquestra de Moscou”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 8 de out 1982. Opinião.
- Almeida, Erasmo José de. “A localização do centro foi feita para maior integração Recife-Olinda”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 9 mar 1979. Caderno Especial p.5 .
- “Arquiteturas no Brasil/ Anos 80 : Região Norte/ Nordeste”. *Projeto*, no. 114 (1988): A-2
- Barreto, Aldo Paes.”Aplausos”. *Jornal do Comércio*. Recife, 02 out 1982. Dia a Dia p.2
- “Centro de Convenções começará em 4 meses”. *Diário da Manhã*. Recife, 26 mai 1977.p.1
- “Centro de Convenções de Pernambuco eleito outra vez o melhor do Brasil”. *Diário de Pernambuco*. Recife sábado, 25 de dez. 1982.
- “Centro de Convenções começa logo”. *Jornal do Comercio*. Recife, 26 maio 1977. P.1.
- “Centro de Convenções obra maior de Governo conquista da imaginação e da técnica”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 9 mar 1979. Caderno Especial p.3
- “Governador inaugura pavilhão de feiras”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 10 mar 1979 p.A14
- “Já começam os preparativos para o encontro no Recife”. *A CONSTRUÇÃO Região Sul*, no. 146(1980):28-30.
- Mello, Francisco A. Bandeira de. “Recife – porta para a Europa, África e Estados Unidos”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 9 mar 1979. Caderno Especial p.9 .
- “Os problemas (resolvidos) das obras do Centro de Convenções”. *A CONSTRUÇÃO Norte Nordeste*, no. 67 (1978):6-8.
- “O Centro de Convenções na fase de concorrência”. *A CONSTRUÇÃO Norte-Nordeste*. São Paulo, no.57 (1978): 21.
- “Praça do Migrante”. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 7 de julho 1976.
- “Recife aguarda técnico do Paraná para executar anteprojeto de Centro”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 15 mar 1977. p. A-7
- Rocha, Limério Moreira da. *Usina Beltrao - Fabrica Tacaruna: Historia de um empreendimento pioneiro*. 2.ed. s/l: Limério Rocha, 2012.
- “Teste do Centro de Convenções será em outubro”. *Jornal do Comercio*, Recife, 9 de mar 1979. Caderno II p. 1.
- Wanderley Filho, José Henrique. “Um ponto de encontro para o turismo e serviços de apoio às empresas”. *Diário de Pernambuco*. Recife, 9 mar 1979. Caderno Especial p.4 .

¹ Almeida, Erasmo José de. A localização do centro foi feita para maior integração Recife-Olinda. *Diário de Pernambuco*. Recife, sexta-feira, 9 mar 1979. Caderno Especial p.5 .

² Wanderley Filho, José Henrique. *Diário de Pernambuco*. Recife, sexta-feira, 9 mar 1979. Caderno Especial p.4 .

³ Mello, Francisco A. Bandeira de. Recife – porta para a Europa, África e Estados Unidos. *Diário de Pernambuco*. Recife, sexta-feira, 9 mar 1979. Caderno Especial p.9 .

⁴ Através da Secretaria do Saneamento, Habitação e Obras - Departamento de Obras e Fiscalização dos Serviços Públicos. José Francisco de Moura Cavalcanti foi governador de Pernambuco de 15 março de 1975 a 15 de março de 1979. O seu sucessor (1979-82) foi Marco Antônio de Oliveira Maciel que assumiria a conclusão das obras do Centro.

⁵ A inscrição deveria ser feita em Recife. O arquiteto Roberto Luiz Gandolfi viajou e fez a inscrição das duas equipes paranaenses em 15 dez 1976. Cf. ficha de inscrição.

⁶ Edital de Concurso Público nº 01/76 – Recife, 16 nov 1976.

⁷ As pranchas de 841 x 1189 mm, em cópias heliográficas, deviam ser afixadas sobre chapas rígidas o que representou grande dificuldade de transporte até Recife.

⁸ A entrega foi feita pessoalmente pelo arquiteto Leonardo Oba que viajou a Recife levando ainda o projeto da equipe de Roberto Gandolfi que foi classificado em 2º lugar. Cf. “Recibo de Entrega do Concurso”

⁹ Centro de Convenções começará em 4 meses. *Diário da Manhã*. Recife, 26 mai 1977.p.1

¹⁰ Colaboradores: Jaime Amaral Maia, Josemere Olavo, Marco Antônio Cristóvam, Reginaldo Luiz Reinert. Estrutura: Rogério Gomes Carvalho (Tramo) Hidráulico e Elétrico: Léo Carlos Contin.

¹¹ O Centro de Convenções na fase de concorrência. **A CONSTRUÇÃO Norte-Nordeste**. São Paulo, n.57, p.21, fev 1978.

¹² Recife aguarda técnico do Paraná para executar anteprojeto de Centro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 15 mar 1977. p. A-7

¹³ Centro de Convenções começa logo. **Jornal do Commercio** Recife quinta feira, 26 de maio de 1977. Primeira página.

¹⁴ Fundação para o Desenvolvimento Metropolitano para a área do Grande Recife. Terreno desapropriado é de 106.338,00 m2 e o restante é constituído de vias públicas, faixas de domínio da rodovia e da Marinha. Cf. O Centro de Convenções na fase de concorrência. **A CONSTRUÇÃO Norte-Nordeste**. São Paulo, n.57, p.19, fev 1978

¹⁵ Inaugurada em 1895 como sede da Usina Beltrão do industrial Delmiro Gouveia (1863-1917), se destinava para a primeira fábrica de açúcar em tablete do país. Em 1924 foi adquirido pela Companhia de Tecidos do Nordeste e passou a se chamar Fábrica Tacaruna. De 1975 a 1992, foi administrada pela Tecelagem Parayba do Sul (Coopertextil). Em 1992 foi entregue ao Banco Econômico. Em 2009, o imóvel tombado passou para a Secretaria da Criança e da Juventude vindo a se chamar Centro de Cidadania Padre Henrique destinado ao desenvolvimento de atividades técnicas, artísticas, culturais e de socialização, para os jovens de baixa renda, alunos de escolas públicas ou em situação de vulnerabilidade. Cf. Rocha, Limério Moreira da. USINA BELTRAO - FABRICA TACARUNA: Historia de um empreendimento pioneiro. 2.ed. s/l: Limério Rocha, 2012.

¹⁶ Praça do Migrante. **O Estado do Paraná**. Curitiba, Quarta-feira, 7 de julho de 1976.

¹⁷ O projeto foi solicitado pelo IPPUC mas não houve continuidade.

¹⁸ A ata informa que dos 31 projetos inscritos, dezenove apresentaram propostas. Numa primeira avaliação o júri selecionou 14 anteprojetos. Na segunda reduziu para 8 concorrentes. Na terceira avaliação selecionou-se os 5 finalistas.

¹⁹ O projeto de paisagismo é de Burle Marx.

²⁰ Além da consultoria acústica de Igor Sresnewsky foi solicitada também a contratação de Aldo Calvo de São Paulo como consultor em cenotecnia.

²¹ Almeida, Cussy de. O som iluminado da Orquestra de Moscou.. **Diário de Pernambuco**. Recife, sexta-feira, 8 de out. 1982. Opinião.

²² Barreto, Aldo Paes. Aplausos. **Jornal do Comércio**. Recife, 02 out 1982. Dia a Dia p.2

²³ Houve um grande aumento do pavilhão de exposições sem que os arquitetos fossem informados. Com isso perdeu-se a caracterização do sistema de continuidade do bloco como expressão tectônica importante.

²⁴ A execução coube ao Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Centro de Convenções obra maior de Governo conquista da imaginação e da técnica. **Diário de Pernambuco**. Recife, sexta-feira, 9 mar 1979. Caderno Especial p.3

²⁵ Teste do Centro de Convenções será em outubro. **Jornal do Commercio**, Recife, Sexta-feira, 9 de mar. 1979. Caderno II p. 1.

²⁶ Governador inaugura pavilhão de feiras. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 mar 1979 p.A14

²⁷ Centro de Convenções de Pernambuco eleito outra vez o melhor do Brasil. **Diário de Pernambuco**. Recife sábado, 25 de dez. 1982.

²⁸ Deve ser registrado o bom relacionamento que a equipe sempre teve com a comissão de arquitetos e engenheiros da EMOPE- Empresa de Obras do Estado e da construtora Odebrecht que acompanharam o desenvolvimento da obra.